

# Hipertextualidade e Ficção: Uma Nova Estética de Processos Contemporâneos de Leitura?

Pe. Pedro Paulo Alves dos Santos, ([pedosantos@gmail.com](mailto:pedosantos@gmail.com))  
(<http://lattes.cnpq.br/7894524760054993>)

## Introdução

A Estética digital, como uma poesia radicalmente nova que não cabe no livro, desafiando a própria poesia experimental atual, porque as aspirações textuais dos poetas são impossíveis de serem realizadas pela impressão reinaugura, assim, uma consciência singela da vanguarda, que recorda estilo, gesto e afirmações programáticas de manifestos históricos (OLINTO. 2005: 49).

Neste artigo desejo expor mais de perto questões teóricas do ambiente midiático que estão em maior relação com os atuais estudos de Literatura. De que maneira, efetivamente, estas teorias e práticas 'nos limites' da concepção de 'obra' literária ou artística significam a delimitação de um paradigma novo para os estudos literários contemporâneos?

Presencial, efêmero, em mutação, o hipertexto tende a permitir uma evanescência do autor e uma incorporação do leitor. Claro que quando este é apontado como a tecnologia capaz da evanescência do autor e da importância dada ao leitor, se está a referir o texto como dimensão conceptual e não o software (BABO. 2004, p. 106).

Desloco-me, por isso, aos argumentos sobre as questões literárias trazidas pela hipertextualidade. Terei como pressupostos a teoria de Gumbrecht, quando nos propõe um trajeto entre paradigmas da comunicação literária (Cf. GUMBRECHT apud SÜSSEKIND, 2004: 17-28) e ainda as delicadas questões prioritárias ao ambiente 'de encenação', como experiência estética da linguagem midiática, uma oscilação entre imagem e palavra (Cf. GOLDSMITH apud SÜSSEKIND, 2004: 36-46).

A digitalização da escrita nas suas práticas sociais, pois, uma mudança de paradigma relativamente à escrita

impressa e, de um modo geral, à relação com o próprio corpo. Sendo aparentemente nada mais que uma questão de suporte, o que parece assinalar uma ruptura entre a escrita manual/mecânica e a digital acaba por tomar uma dimensão semiótica. E escrita é, antes de mais nada, de natureza indicial, rastro deixado um suporte material. Enquanto gesto, a escrita deixa «traço», dando lugar às dimensões de original e de origem, de inédito e de rasura, de lei e testamento como figuras duma imutabilidade da inscrição, e ainda, por extensão, de autor, como outro nome para a origem (BABO, 2004: 106).

De fato, no discurso acadêmico, prevaleceram antes as reflexões sobre as transformações epistemológicas gerais, promovidas pelo advento da sociedade informática digital, geralmente explicitadas a partir da projeção de sucessivas viradas – lingüísticas, pictorial, cibernética – com traduções emblemáticas de nossa experiência contemporânea, com reflexos sobre os nossos sistemas de pensamento e as nossas formas de construir conhecimento (OLINTO, 2005).

### **O Ambiente Midiático nas Questões Atuais dos Estudos de Literatura.**

Por enquanto existem poucas investigações acerca de fenômenos concretos que emergem como formas especificamente midiáticas. Entre estas, os exemplos mais visíveis, em nossa área, correspondem às novas formas literárias sem possibilidade de tradução para o formato do livro, porque resultam do uso do computador e de sua rede e tentam explorar esteticamente todas as potencialidades ofertadas por esses processos midiáticos e seus modos de comunicação (OLINTO, 2005: 41).

No contexto da contemporaneidade, em que fenômenos concretos emergiram como forças especificamente midiáticas, novas formas literárias não-livrescas, isto é, não finalizadas para edição ‘tradicional’, modificaram nossa cultura do livro (CANFORA, 2003: 5-78).

As questões levantadas por muitos especialistas decorrem do fato de a rede ser um espaço indefinido e não hierarquizado do ponto de vista institucional. De fato, o acesso direto e individual à rede é um fator de precarização, o que não quer dizer, por si, o seja. Justamente ela pode

tornar-se a memória infinita e global, embora o cunho pessoal e direto que os indivíduos lhe conferem, através da criação de sítios, possa ser efêmero:

Para compreender a importância da revolução em curso, é proveitoso voltar atrás na História da Escrita. Esta se caracterizou por uma estreita relação entre os suportes da escrita e os modos de pensamento por eles determinados. A história das tecnologias do escrito é inseparável da história do pensamento. Os trabalhos de Jack Goody e os de Leroi-Gourhan ou de Jacques Derrida mostram que, ao contrário do que sugere o senso comum o pensamento provém da tecnologia, e não o contrário. Foi a invenção das tecnologias da conservação da memória escrita que permitiu o desenvolvimento do pensamento ocidental (CLÉMENT. 2004, p. 28-9).

E mesmo, porque não se podem abstrair os textos dos objetos que os comportam, ignorando que os processos sociológicos e históricos de construção de sentido se apóiam nas formas em que são dados a ler, como contrariamente afirmavam as teorias de tendência romântica, que tudo determinava pela autoria.

Ao contrário de uma visão idealista que tende a sacralizar o autor e a fazer do texto um objeto imutável, não se lê um texto do mesmo modo segundo a edição na qual ele se apresenta (PETRUCCI, 2003; CAVALLO, 2003: 37-70).

A conformação em livro implica em escolhas de apresentação material que influem no estatuto do texto. Em função do modo da edição escolhido, os usos do livro, a natureza do público e sua relação com o texto podem variar consideravelmente.

A edição liberta o texto de sua relação com livro. Este, a partir de então, não determina mais aquele. O texto existe fora de seu suporte material. Para bem compreender essa mutação, é preciso considerar os diferentes modos de digitalização. Pode-se digitalizar um texto como imagem (CLÉMENT. 2004: p. 30).

Estas constatações sobre o livro digital, advindas da linguagem eletrônica, da internet, mostram que este ambiente 'literário' modifica nosso

relacionamento com o texto. Texto que por sua vez é trans-gênico em sua experimentação (tornando-se móvel e efêmero), distante da forma contemplativa desenvolvida pela cultura do Livro. Isto torna patente que nosso 'processo de leitura', em função de um novo contexto de leitura, implicará em novos conceitos, portanto, numa oportunidade de novos repertórios dos estudos literários atuais:

Por um lado a escrita digital tende a tornar-se uma enorme base de dados, um pan-arquivo, realizando o sonho dessa biblioteca total, por outro, a Internet, como dispositivo que lhe confere existência, pode ter aspectos de an-arcquia pela instantaneidade e evenemencilidade de muita da informação veiculada. O efeito transparência é ainda decorrente desses usos (BABO. 2004, p. 105).

Entre as tendências e utopias da arte e cultura midiáticas atuais, são focalizadas nestas reflexões especialmente formas de intermedialidades na literatura digital<sup>1</sup> vinculadas com a emergência de um gênero provisoriamente chamado *interficções* (OLINTO, 2005).

Mas, antes de avançarmos no conceito sugestivo de interficções, nos deteremos um pouco ainda na figura do texto, em sua passagem ao hipertexto. Analisando esta passagem, interessa aos estudos teóricos de literatura perceber o fato da digitalização de textos começa a suscitar novos modos de leitura (BOIE, 2003: 203-212).

## II. A digitalização e novos modos de leitura.

---

1 RISÉRIO, Antonio. *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Salvador: Casa de Palavras, 1998. E, mesmo não se tratando de poesia concretista vale a pena citar o projeto de SANTOS, Boaventura de Sousa. *escrita INKZ. Anti-manifesto para uma arte incapaz*. Rio de Janeiro: Aeroplano, RJ, 2004, e o texto de GOLDSMITH, Kenneth. *Da Linha (de comando) à constelação (icônica)*. In: SÜSSEKIND, F. e DIAS, T. (org.). *A Historiografia*, p. 36-46, que cita, mesmo sem nota, e ausente das suas referências bibliográficas, Décio Pignatari, do grupo *Noisgrandes*.

Jean Clément<sup>2</sup> cita duas possibilidades: a primeira torna o ‘texto uma imagem’ e graças a este procedimento é possível obter uma reprodução fiel do original que permite reconstruir em parte o livro-objeto; a paginação é conservada, somente a manipulação do volume fica comprometida. A segunda é ‘somente texto’, no qual cada caractere do texto é codificado por um número segundo uma norma internacional, este modo de proceder apresenta a grande vantagem de tornar o texto manipulável por um computador.

Do ponto de vista semiótico, certas imagens, como a fotografia e o cinema partilham com esta escrita, não o seu carácter icônico, mas antes, seu carácter indicial, de impressão deixada numa superfície inscritível. A relação de contigüidade física que os índices instituem com seus referentes desaparece no digital. Por isso, a tecnologia do digital não se integra nos dispositivos do inscritível, mas inaugura uma outra lógica, a do virtual/actual, dado o digital operar na inscrição, mas antes na tradução (0/1). Quer isto dizer que o numérico ou digital exige também formas imagética, textual ou sonora, mas tais formas são sempre potenciais, está na configuração última da linguagem digital que essa é uma articulação complexa de 0s e 1s (BABO. 2004, p. 106-7).

Assim a leitura muda com o desaparecimento de seu suporte tradicional, expondo aos estudos literários uma pergunta pela natureza, pelos desafios de desenvolvimento da noção de texto, que surge da hipertextualidade dos ambientes da rede. Ora, o texto, como se sabe, não é constituído por uma simples seqüência de caracteres. Trata-se também de um objeto complexo em que tudo é signo.

---

2 Jean Clément sublinha o fato que ambas as formas de digitalização alteram o estatuto tradicional do livro-objeto, na medida de seu desaparecimento e com ele de todas as suas referências tipográficas e de todos os instrumentos de leitura ligados a este. Sobre a crise de arquivos digitais e a arquivagem do autor nas tecnologias do futuro: SANTIAGO, Silvano. *Com quantos paus se Faz uma canoa*. In: DE SOUZA, Eneida Maria. *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 15-24.

A leitura há muito tempo não é mais uma simples operação de decodificação de caracteres alfabéticos. Trata-se de um processo semiótico em que intervêm a paginação e a conformação em livro<sup>3</sup>.

De fato, a edição eletrônica dos grandes ‘corpus textuais’ dotados de instrumentos de busca, não passa, no entanto da primeira etapa, outra, é aquela constituída pela generalização de técnicas hipertextuais: ‘*Esta é sem dúvida fundamental, pois resulta do encontro de uma mudança epistemológica e de uma técnica*’(CLEMÉNT, 2004, p. 31).

### III. O Estatuto do Texto na Crítica Contemporânea.

O deslocamento do centro do saber global para o local, é visível também, na repaginação social das “novas Tribos” que preferem à socialização, a socialidade, nascidas do reconhecido multiculturalismo e identidades plurais (...) o indivíduo que adentre os caminhos de construção de sua intersubjetividade e singularidade com sensibilidade e argúcia tem como recurso inestimável a capacidade de ler, de dar conta da linguagem embora esta só possa dar conta do mundo que configura: então (...) todo leitor é pouco (YUNES. 2001, p. 94).

A questão epistemológica diz respeito ao estatuto do texto na crítica contemporânea e percebe a passagem do texto como ‘corpo fechado’, portador de totalidade de sentido, para a era do inter-texto, da desconstrução e das leituras plurais<sup>4</sup>. Na verdade, o hipertexto é um caso exemplar de um ambiente heterogêneo, participando ao mesmo tempo de uma dimensão técnica e simbólica, ao qual cabe justamente a questão do saber por que é

---

3 A revolução da escrita digital com o aparecimento da figura da ‘page’ e as problemáticas das glosas e anotações: SLIGHTS, Willian W.E. *Back to the Future – Littorally: Annotating the Historical Page*. In: STOICHEFF, Peter and TAYLOR, Andrew. *The Future of the Page*, Toronto, 2004, p. 71-89.

4 Também, a configuração do estudo literário de textos bíblicos, em sua implicação exegética e crítica tem exigido, cada vez mais, a mediação da intertextualidade, seja ao interno do cânon, como em textos extra-bíblicos, na linha de uma literatura antiga e comparada. Trata-se de estabelecer uma rede de textos, de contextualizar literariamente: FORNBERG, T. e HELLHOM, D. (ed.). *Texts and Contexts. Biblical Texts in their Textual and Situational Context*, Olso-Copenhagen: Scandinavian University Press, 1995, espec., p. 319-556 (*Section b Inter-textual Relations*)

que ele não é um simples utensílio. Não se limitando a ser um suporte técnico da escrita, o hipertexto tornou-se uma prática de escrita, abrangendo, justamente por lhes dar uma configuração nova as próprias práticas literárias de experiência dos limites, tanto da narrativa e do livro, quanto do limite de certa racionalidade de escrita.

Independentemente de uma reflexão sobre a noção de obra e os limiares de sua identidade, é certo que a desmaterialização da escrita não poderá mais ser entendida como simples mudança de suporte, porque essa mesma idéia de suporte ao abrir falência, torna a escrita uma virtualidade (BABO. 2004 p. 107).

E, quando se fala do texto *rizomático*, por exemplo, aquilo que mais diretamente se põe em causa é a univocidade semiótica do sistema textual em questão. Na verdade, o hipertexto, enquanto nova concepção da escrita encontra as teorias do texto, nesse ponto extremo, que é o cruzamento de heterogeneidades semióticas.

Nesta perspectiva, o texto não é mais lido de maneira linear em seu eixo sintagmático, é sondado em seu eixo paradigmático. Essas novas leituras descontroem o texto como enunciado, mas fazem com que apareçam certas características até então despercebidas graças à mudança de escala (CLÉMENT. 2004, p. 31).

Esta era inaugura dois pontos importantes na constituição do estatuto do texto. De um lado, não se lê mais um texto, sem examinar todos os textos aos quais se relaciona. Do outro, não se considera o texto como simples materialização do pensamento de um autor, sem considerar o funcionamento das tecnologias intelectuais (da hipertextualidade) que o exprimem.

É essa visão mais complexa e menos determinista do texto que a técnica do hipertexto permite instrumentalizar. Se a digitalização do texto o separa do objeto-livro, reduzindo-o a uma seqüência de caracteres, o hipertexto utiliza o computador para reorganizá-lo de modo totalmente novo:

O hipertexto torna-se objeto de questionamento da textualidade quando atributos inquestionáveis da escrita como fixação e rigidez – a fixidez -, a linearidade e até a finitude composta pelo livro, parecem estar postos em causa. As características que lhe vêm sendo consensualmente assinaladas são o abandono da fixidez pela maleabilidade ou mutabilidade constante, o abandono da linearidade pela natureza reticular, assim como a abertura às remissões inter e intratextuais, o que provoca um descentramento quer da linearidade quer do próprio núcleo textual, para além do conseqüente descentramento do nó-da-intriga da unidade de ação, no caso dos textos narrativos (BABO. 2004, p. 109).

Isto já fôra dito como conclusão das discussões implementadas por Arlindo Machado (2001) e a desprogramação das máquinas, no processo de criação literária de hiper-textos<sup>5</sup>.

Outro aspecto mutante no novo processo de hiper-leituras é a reorganização de 'fragmentos' textuais em rotas de leitura ativadas pelo interesse do leitor. A procura num espaço textual torna mais veloz, mais 'direta' e 'personalizada'.

O texto na sua 'unidade' é atravessado pelo leitor e relacionado com outras obras (do mesmo corpus ou de outros) através de um ato mecânico da vontade, que seleciona com agilidade um novo texto criado da constelação de outros textos, que se unem na teia da leitura, dando o conforto do arquipélago.

Com o hipertexto e as múltiplas janelas das telas, a operação se torna fácil e provoca um novo modo de ler. O prototexto se torna parte integrante do texto, que surge assim mais como um processo em curso de elaboração do que uma obra definitiva (CLÉMENT. 2004, p. 32).

---

5 Sobre o problema mais geral da mecanização da linguagem, AUROUX, Sylvain. *A Filosofia da Linguagem*. 2ª Edição. Campinas: Unicamp, 2001, espec. p. 289-321. Evidentemente existe uma história, um percurso, do qual, podemos rastrear as implicações e silhuetas desta nova estética. Caminhos desta ética literária, uma ética da leitura, uma postura de leitor, que, de certa maneira emergem plurais e virtuais, mas não intangíveis, nas suas ondas socio-político-religiosas, e têm exigido um esforço de educadores e cientistas em dialogar mais sobre qual ethos está em curso, neste universo de possibilidades da ciber-cultura literária e, portanto, de uma linguagem/comportamento social futuro: DE ALMEIDA, Candido Mendes (org.). *Ethics of the Future*, Rio de Janeiro: Unesco/Issc/Educam, 1998.

Neste sentido, as reflexões filosóficas de Deleuze<sup>6</sup> e Gattari, o já tão citado 'livro infinito' e novos processos de leitura em 'bibliotecas imaginárias', ativadas pela cultura e pelos interesses do (hiper-) leitor, encontram no hipertexto uma resposta tecnológica baseada nas inversões fundamentais de ordem epistemológica e técnica.

Resulta dessas novas e diferentes possibilidades, uma inversão da ordem hierárquica em que se baseia o livro clássico: autoridade do autor quanto ao texto, primazia do texto em relação às variantes e notas, leitura única, etc. É a inversão que já aspiravam Deleuze e Gattari ('Mille Plateaux', 1980).

Inscrevendo-se no paradigma da complexidade, eles aí denunciavam o 'livro-raiz', ordenado segundo uma estrutura arborescente com sua lógica binária. A complexidade que caracteriza nossa relação com o mundo contemporâneo, escrevia ele, pede uma forma de livro, pois "o pensamento não é arborescente, e o cérebro não é uma matéria enraizada" (ALLIEZ, 2000: 9).

É antes na figura do rizoma que os autores se comprazem em imaginar o livro futuro. Deste ponto de vista, o hipertexto traz uma resposta tecnológica para problemática deleuziana (Cf. AGAMBEN apud ALLIEZ, 2000: 169-194).

A era da hipertextualidade parece estar realizando os planos das teorias construtivas e empíricas de leitores localizados por sua escrita e ativados a um papel mais abrangente que 'escrever', mas ao mesmo tempo, esta nova realidade digital descontextualiza, pela escrita sem vestígios materiais, com a possível ameaça às concepções de '**memória e arquivo**' (Cf. MIRANDA apud DE SOUZA, 2003: 35-43). De qualquer forma a digitalização e os ambientes de web forçam a concepção de novas leituras e narratividades.

---

<sup>6</sup> Uma plêiade de pensadores discute a obra Deleuziana: ALLIEZ, Éric (org.). *DELEUZE, Gilles: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed34, 2000.

#### IV. Hipertextualidade e Processos de Leitura.

O hipertexto produz uma forma de leitura que deslineariza-se inevitavelmente porque perde a seqüência das páginas, porque se ativam múltiplas janelas, porque se esfuma a dimensão de totalidade física do livro e de totalidade de sentido de obra. A leitura deixa de ser um ato passivo para passar a ser um acto de decisão e como tal decisivo. Este ambiente, a hipertextualidade, chama a atenção, para o contexto de performer do leitor, isto quer dizer, o máximo de interatividade no 'ato de leitura (BABO. 2004, p. 109).

Para além de transformar a escrita num trabalho de associação mais do que num processo de sucessão, a hipertextualidade torna-se antes mais visível do lado da recepção. Na verdade, seja qual for o modo de produção textual, o seu agenciamento reticular incide primeiramente sobre os modos de ler.

A relação com o hipertexto indica uma mediação da 'máquina narrativa', algo já mencionado na abordagem de Pedro Barbosa (1996), com a seguinte diferença: enquanto as narrativas clássicas, como referimos, separavam, exteriorizando o lugar do leitor. As narrativas das novas mídias interativas transportam o leitor e o jogador para dentro da ação, transformando-o num **performer**. Quer dizer, que o leitor e jogador se confundem numa única entidade. Mas este performer deverá integrar-se numa trama que é já narrativa.

A novidade destas propostas é apresentada ao nível da interação, como narrativas interativas. O que o performer realmente escolhe (lê ativamente) são opções de um leque de possíveis pré-determinados, mas tal não impede pelo menos simuladamente, de passar de espectador ao suposto ator. É por um fenómeno de incorporação, quer dizer, de inclusão do corpo do espectador no espaço tecnológico multimídia, que o espectador assume o papel de ator. Veja-se no caso das artes plásticas, em que o

corpo do espectador tende a ser deglutido, integrado no interior do campo artístico<sup>7</sup>:

E ao pôr o texto em relação com seu intertexto, pode situá-lo em seu contexto de produção e de recepção, assim como aumentar sua inteligibilidade pela restituição do ambiente que presidiu sua criação – ler Stendhal escutando Cimarosa, Baudelaire olhando Goya ou Delacroix’ (CLEMÉNT. 2004, p.33).

A imersão nos novos meios a ficcionalidade, imersa em espaço sonoro, permite ao leitor, escolher o percurso a atualizar, e ainda a imersão do corpo da realidade virtual do cinema 3D, entre outras formas.

O que acontece no texto rizomático em ambiente de hipertexto é que o acesso propriamente perceptivo ao texto não pode ser feito segundo aquele dispositivo, isto é, inevitavelmente deslinearizado, adquirindo desde logo, uma vocação ao descentramento, à infinitude, à fragmentação ou à heterogeneidade semiótica, em imagem, som e letra, de que a textualidade participa (BABO. 2004, p. 119).

## V. O conceito de interficção

Já o discurso de OLINTO avança para o conceito oriundo da internet chamada provisoriamente de ‘interficções’, por dar relevo à condição intermediática da fusão da escrita, da imagem e do som, exclusivamente possível na forma digital. Esta condição literária, por isso chama atenção para o papel ‘performático’ do texto digital, pela ruptura com a estética tradicional do livro.

Neste sentido escrever na rede não se refere à adaptação do processo produtivo usual para uma nova mídia de representação, mas caracteriza, antes, um procedimento que se funda nas possibilidades estéticas específicas na mídia digital, acentuando, portanto a diferença. Esta literatura não terá o livro como estágio final, e consiste de textos impossíveis de serem lidos da esquerda para direita e

---

7 MARQUES, Reinaldo. *O Arquivamento do Escritor*. In: DE SOUZA, Eneida Maria. *Arquivos Literários*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 141-156.

do início ao fim, porque o leitor, precisa, primeiro configurá-las e às vezes escrevê-las (OLINTO. 2005, p. 42).

É o tema das possibilidades das tramas da hiperficcionalidade contemporânea, com sua pluralidade de vozes, que permite um novo desenlace de tramas aos leitores/autores: Isto quer isto dizer, que ao objetivar qualquer hipertexto em Livro, se retira a sua potencialidade, a sua natureza de “pro-jeto”, que assim se opõe ao livro-objeto?

O leitor de hipertexto não é uma mônada, mas uma ‘díade’, um lugar de conexão, de troca, um jogo de relações entre homens e máquinas. Enquanto o livro passa pelo modelo de unificação do corpo, tal como o espelho é na formação da imagem do sujeito, do seu je-moi, o hipertexto actua interrompendo ou suspendendo essa imagem reconfortante do eu como corpo íntegro (BABO. 2004, p. 110).

O hipertexto opera uma articulação outra com os procedimentos do imaginário, articulação essa que atira o sujeito para uma fase pré-narcista, a do corpo desmembrado.

É que realmente fica extinta a dimensão representacional e nomeadamente reflexiva que a imagem, como o livro, aliás, possuíram até então. Diluindo a função do autor, o regime hipertextual nem por isso instaura um outro, do leitor. Antes abre o espaço e o tempo a um jogo em que cada decisor arrisca sua própria condição. Baseada na diferença trata-se, ainda de uma ‘literatura, que encena seu estado definitivo, entendido como fixação, univocidade e linearidade:

Mas por certo com Mil platôs, Deleuze se coloca no ponto de encontro de todas as multiplicidades, de todos os modos possíveis de expressão possíveis para que a filosofia reduzida (*dé-multipliée*) percorra uma ‘linha de fuga’ que determine num mesmo movimento um novo plano de composição para o pensamento (‘faça rizoma (...)’) e uma teoria dos agendamentos para um mundo dramatizado, a partir dos devires mais atuais, pela “desterritorialização do homem” (ALLIEZ. 2000, p. 14).

Esta literatura performática assemelha-se antes a um evento em permanente estado de emergência e não a uma obra acabada, distinguindo-se por seu carácter hipertextual, interativo e multimidiático:

Estamos lidando com uma literatura produzida com palavras que se movem, que dançam, que modificam suas cores e seus elementos e se aliam com imagens e sons (...) como se fossem atores das letras (OLINTO. 2005, p. 43).

É por isso, que Alliez reafirma a herança do debate em torno das desconstruções, em relação ao pensamento deleuziano:

Que seja um o mapa de um novo mundo que possa fazer rimar pensamento da univocidade e teoria das multiplicidades, filosofia da vida e filosofia do conceito. Uma rima que eu diria ontoetológica (ALLIEZ. 2000, p. 14).

Neste ponto, é necessário perguntar-se, sob a forma de juízo o valor estético desta experiência ou produção literária, a partir da fruição e da avaliação de 'textos' neste ambiente: 'até que ponto se trata ainda de literatura e não de imagens textuais ou cinema escrito ou simplesmente da realização do sonho revivido da obra de arte total, desta vez de proveniência digital? (Cf. PARENTE apud ALLIEZ, 2000: 535-548).

Interatividade, Intermidialidade e encenação, três conceitos, que, de maneira ainda instável, descrevem ou caracterizam a literatura hipertextual e mostram-na como um projeto que privilegia as expectativas das teorias da estética da recepção e do efeito, que protagonizaram uma ação do leitor, através da natureza receptiva e ativa do texto (OLINTO. 2005, p. 42).

A **Interatividade**, sublinha a participação do receptor na construção da obra, incluindo projetos de escrita que convidam os leitores à co-autoria.

A **Intermidialidade** sinaliza uma relação conceitual integrativa dos meios expressivos tradicionais da linguagem, da imagem e da música, valorizando a sua singela fusão conceitual em lugar da mera combinação baseada na contigüidade.

A **Encenação**, por último, investe enfaticamente no gesto performativo- seja em relação à programação interna da obra, seja em relação à pendência do receptor – e resulta no envolvimento de palavra e imagens em processos de animação, por exemplo, que transformam o carácter textual em evento dinâmico.

## VI. O Estatuto da ‘Comunicação’ Textual Digital.

Em todo caso, ainda que hoje não disponhamos de teorias adequadas e de experiências práticas do uso multi e intermediáticos e de uma conceituação mais sensível dos modos alterados de ver, falar, escrever, ouvir e pensar, a perturbação diante dos experimentos atuais de literatura digital não deixa de ser uma atitude promissora (OLINTO. 2005, p. 43).

À conclusão reencontramo-nos diante de uma segunda questão, que nos dirige para a relevância do conceito de interficção, porque esta problemática nos permite uma distinção clara da esfera do não-ficcional, dando assim relevo ao campo artístico e estético.

O termo ficção abrangeria, no caso, conjuntamente a dimensão textual, imagética, musical e cinematográfica, enquanto o prefixo inter tange algumas das marcas essenciais da mídia digital – interatividade e intermidialidade – associado à sua dimensão mais popular: a internet.

Mas como localizar, nesta proposta classificatória, um lugar privilegiado para a palavra e a escrita, para confortavelmente assumirmos que ainda estamos lidando com algo que aceitamos como literatura, se este novo fenômeno de fato poderia ocupar legitimamente um assento no chamado sistema literário ou um terreno alternativo no sistema classificatório das artes? (OLINTO. 2005, p. 43).

A página do livro e a tela do computador (Screen) destacam que os suportes dos processos de leitura, implicam em diversidades de tecnologias literárias: A tela do computador não é, de fato, o equivalente informático da página impressa. Séculos de prática de leitura nos ensinaram a ler, através

das páginas do livro, quando lemos um romance, não vemos os caracteres tipográficos (Cf. GRODEN, apud STOIFCHEFF & TAYLOR, 2004: 159-175).

A Tela ao contrário, me dá sua superfície para o olhar e constitui um obstáculo à transparência dos traços escritos. Alguns jovens autores o compreenderam e começaram a escrever diretamente para esse novo suporte (CLÉMENT, 2004, p. 33).

Voltando ao estatuto da ‘comunicação’ textual digital, enquanto fato consumado que indica na realidade o fim do objeto-livro: pode-se até afirmar que ‘o texto não passa de um fluxo imaterial inacessível ao leitor’ (CLEMÉNT, 2004: 34). Este desaparecimento traz consigo conseqüências iniludíveis para as composições de compreensão do autor e do próprio texto, que é modificado em sua realidade tradicional, em sua relação triangular, autor/texto/leitor.

Se o hipertexto instrumentaliza nossas leituras, não constitui, por enquanto, um suporte de leitura estabilizado que teria encontrado sua forma definitiva em substituição à do livro perdido. O hipertexto, de fato, pode encontrar-se em diversos dispositivos de leitura e de escrita (CLÉMENT, 2004, p. 32).

E o fim do autor, tão importante, na cultura do livro ‘ocidental’ como uma figura referente de textos, ‘o que é um autor?’<sup>8</sup> Trata-se de uma figura quase inteiramente construída para responder a uma necessidade, tal texto que leio foi escrito por alguém que posso identificar e cuja existência é como que a garantia do texto. Na internet a proliferação de ‘autórias’ parece conduzir à desvalorização da noção de autor<sup>9</sup>.

---

8 À pergunta clássica pela figura do autor e as referências para a existência legítima de um texto, cabe a leitura provocadora de FOUCAULT, Michel, *What is an Author?* In: RICHTER, David H. *The Classical Tradition. Classic Texts and Contemporary Trends*. 2ª Edição. Boston; Bedford Books, 1998, p. 889-900.

9 Não seria a noção de sujeito que ativa a realidade da autoridade sobre um texto, fruto da subjetivação nas esferas do mundo moderno, fundada sobre autoridade dos antigos? E a interpretação, enquanto processo de fruição e domínio semântico do texto não está plenamente vinculado à noção do sujeito? FOUCAULT, Michel, *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Um segundo aspecto intelectual da leitura em Internet é sublinhado por Walter Benjamin: ‘*O leitor está a todo o momento pronto para passar a escritor*’ (Cf. BENJAMIN, apud RICHTER, 1998: 1005). Isto é, desse ponto de vista a Internet está vinculada do melhor modo, às variações das culturas de tradição oral, ou, no pior, às variantes erradas dos manuscritos reproduzidos à mão. O fenômeno novo e maciço da edição na tela é o hipertexto que toma aqui uma nova dimensão por seu carácter “distribuído”.

O texto que se dá a ler na Internet é constituído por um conjunto de fragmentos destacados de seu contexto de enunciação originário. O internauta que os percorre, recontextualiza-os em um novo enunciado, que poderá, por sua vez, se tornar texto e ser retomado por outros em uma circulação sem fim (CLÉMENT. 2004, p. 34).

Duas etapas marcam, assim, as relações entre as novas formas de processos de leitura e as fontes heurísticas. Retomamos as questões levantadas por OLINTO, anteriormente, se estamos ou não, diante de verdadeiros fenômenos literários da passagem de (hiper) leitores a escritores (hiperficção) na condição de ‘autores’. E, se estamos diante de verdadeiros fenômenos literários da passagem de hiper-leitores à hiper-escritores no triângulo de novas hiper-ficções (Cf. OLINTO, 2005).

Trata-se, primeiramente da interatividade. O leitor faz escolhas que determinam o texto que lhe é dado a ler’, e depois, da participação em fóruns, ‘livreiros e editores oferecem aos seus leitores a possibilidade de reagir aos textos por eles propostos.

## **VII. Hiper-repertórios na Constelação Midiática Contemporânea.**

Na teoria da literatura prevalecem, frequentemente, conceitos orientados na literatura impressa e adaptados para um novo uso, entretanto sem levar especialmente em conta o fato de se tratar de uma construção diversa e destinada para formas de representação distintas. Como encontrar então, instrumentos analíticos para descrever este

gênero recente, mais adequado do que propostas por teorias enraizadas na cultura do livro impresso? (OLINTO. 2005, p. 46).

No interior da recepção, a distinção entre interpretação e interação pode ser entendida como pertinente para situarmos os novos produtos digitais e aceitarmos ter havido um descentramento operado pelos sistemas hipertextuais de produção de hiperficção.

Por exemplo, descentramento do âmbito da produção para o âmbito da programação – a produção de um ambiente narrativo é já a arquitectura de todas as combinatórias e seqüências entre os seus fragmentos – e do âmbito do consumo para decisão o utilizador é o decisor; é ele o efetivo construtor de narrativas, no sentido em que atualiza as associações possíveis em seqüências efetivas<sup>10</sup>.

Uma crítica acerca da precariedade de conceituação marca a finalização desta longa viagem pelo mundo da formação da literacidade digital de hipertextos, na medida em que os teóricos da literatura ainda não construíram pontes de diálogo com instabilidade destes ‘conceitos’ que, como veremos, pertence mais à descrição do que a cabal explicitação de fenômenos complexos, em forma de simplificadores.

Em outras palavras, nesta seção final desejo seguir de perto, os rastros de uma busca ‘em movimento’ na apreensão de uma rede conceptual apropriada à realidade midiática, o que supõe uma constelação conceptual, com um arcabouço de instrumentos analíticos diversos daqueles utilizados em outras literaturas.

### **VIII. Conceitos para experiências de ‘limite’.**

---

<sup>10</sup> O problema se estabelece em diversos campos das ciências que se debatem diante de novas experiências, que por sua vez só pode ser assimiladas e julgadas, e até vivenciadas plenamente através de um sutil exercício epistemológico-cultural. No âmbito das sociais duas opiniões divergem sob o mesmo teto: como conceituar as ciências na sociedade herdeira das crises de representação do século XIX? De um lado, SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento Prudente para uma vida Decente. “Um Discurso sobre as Ciências” revisitado*. Lisboa: Cortez, Lisboa, 2004; do outro, um paradigma, contra discurso (no sentido M. Foucault na ‘*microfísica do poder*’), TOURAINE, Alain, *Un Nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d’Aujourd’Hui*. Paris: Fayard, 2005.

As teorias de Christine Heibach (2000) tentam superar as dificuldades de um *'teórico de literatura diante da literatura digital e os riscos de tornar invisível o objeto sob investigação por um olhar míope'*, diria Olinto. E, ao mesmo tempo, apresentar uma proposta que sugere uma teoria de hipertextos e hiperlinks em constante elaboração, verificação e modificação.

Hoje esta produção a múltiplas mãos ganha interesse, antes de mais nada, na perspectiva de uma estética social, em função de sua criatividade cooperativa e comunicativa, enquanto nos hipertextos, fundados sobre a multilinearidade, a discussão mais significativa gira em torno da análise das condições de poder, assimetricamente distribuído entre autores e leitores OLINTO. 2005, p. 46).

Trata-se, como já foi dito a respeito da formação de uma estética sócio-digital, que construa novas pontes entre os eventos criados na mídia digital e a inteligência acadêmica.

À medida que os métodos de discussão vão se adaptando melhor à internet, mesmo para os menos letrados, a utilização de grupos de discussão on line atenderá aos princípios da deliberação democrática e contribuirá para a criação de cidadãos melhor informados. No entanto esses grupos de discussão não atingem o objetivo básico de realizar simultaneamente os dois valores discutidos anteriormente, o da representatividade e o da deliberação. A voz do povo deve ser ao mesmo tempo representativa e deliberativa. Os SLOPs são uma coisa nem outra...contribuem para esclarecer os participantes, mas não dão voz ao povo (FISHKIN apud EISENBERG 2002, p. 32).

Neste projeto teórico em movimento, entendido por Heibach na forma de uma *'estética cooperativa'*, acentua-se a necessidade de elaborar métodos híbridos flexíveis. Através destes métodos tematiza-se a discussão dos procedimentos da investigação científica. Contudo, o debate só pode ocorrer com relação às *'formas alteradas'*, diria Olinto, de uma literatura que abandonou: *'o livro impresso entre duas capas'*.

Neste limiar entre teoria e prática, emergem momentos de tensão que acompanham a construção de uma moldura heurística para as análises concretas da literatura digital. O primeiro conceito é aquele de **oscilação**, que permite situar novas formas de expressão de hipertextos literários como ‘movimentos oscilantes’ entre diversos sistemas semióticos.

É neste contexto que as teorias tradicionais, que funcionam na articulação entre opostos, não obtêm grandes resultados diante de fenômenos que não podem ser mais explicados e nem mesmo fruídos a partir de teorias gestálticas.

O movimento de oscilação permite fundar os novos fenômenos literários eletrônicos no modelo dinâmico do movimento, porque ele corresponde ao processo infinito entre diversos níveis, que cria algo novo a partir dos jogos cooperativos dos sistemas sociais, midiáticos e técnicos articulados pelo computador.

A natureza da formação de conceitos próprios a estes hiperambientes, equivale à tarefa de propor novos paradigmas:

À définir le passage d'un mode d'analyse et d'action à un autre, afin d'éviter les interrogations sans fin sur le rapport entre la vérité et les diverses manières de la construire (TOURRAINE. 2005, p. 15).

Para Touraine são categorias adequadas para a descrição do fenômeno literário como ‘evento’:

*Si je n'ai pas placé discours dans le titre de ce livre, mais paradigme, c'est pour indiquer d'emblée que mon but est de mettre en lumière des ensembles historiques qui ne peuvent jamais être réduits à des formes de domination, où les protestations, les conflits, les réformes occupent une place aussi grande (et même plus grande) que les contraintes de la gouvernabilité et du dénombrement. Un paradigme n'est pas seulement un instrument dans les mains de l'ordre dominant, mais tout autant la construction de défenses, de critiques et mouvements de libération... Tout paradigme est*

*une forme particulière d'appel à une figure ou à une autre formes de ce je nomme le sujet et qui est l'affirmation , dont les formes sont changeantes, de la liberté et de la capacité des êtres humains de se créer et de se transformer individuellement et colletivement. (TOURAINÉ. 2005, p. 15).*

A capacidade de descrever eventos implica que a natureza destes conceitos<sup>11</sup> não seja redutora de complexidades e imóvel como o sabemos pelas 'tabelas de juízos' da Razão Moderna (DUARTE, 2002: 85-106), categorias já em conflito com a realidade. Este universo, onde se escreve sem texto, pleiteia uma estética processual em analogia ao modelo de Gilles Deleuze e Feliz Gattari, exposto em *Qu'est-ce que la Philosophie* (1991).

O conceito de **oscilação**, como outros surgidos ou forjados na árdua tarefa lexical deste ambiente sublinham que deste modo, o conceito não se entende como construção de constantes e suas variáveis, mas antes, como formas de modulação e variação.

Em outras palavras, sublinha-se o carácter paradoxal do conceito, não como universal, mas como singular múltiplo. É neste sentido que o conceito assume função de evento em constante estado de emergência (OLINTO. 2005, p. 48).

## IX. A Transversalidade e a Transfugacidade

A disposição de experimentar novas formas de cruzamento de códigos diversos pode ser transferida, sem restrições, para o gênero literário interficcional, especialmente interessado na exploração de potenciais hipertextuais que estimulam tanto a articulação entre os mais variados documentos midiáticos quanto a travessia de fronteira com respeito aos próprios conteúdos (OLINTO. 2005, p. 48).

---

11 Similar, no campo das ciências sociais 'clássicas' às propostas avançadas em SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na pós-modernidade*. 8ª Edição. Lisboa: Cortez, 2001. Em particular, o artigo de. STENGERS, Isabel. *Para Além da Grande Separação, tornamo-nos Civilizados?* In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento Prudente para uma vida Decente. "Um Discurso sobre as Ciências" revisitado*. Lisboa: Cortez, 2004, p. 131-150.

Outras ferramentas na formação dos conceitos do 'léxico' da epistemologia literária digital, ou sobre a compreensão meta-teórica de hiperficção, como criação literária, são os conceitos de transversalidade e transfugacidade. Trata-se de considerar aceitável, do ponto de vista filosófico, possíveis alianças entre sistemas epistemológicos e eventualmente distintos.

Ambos os conceitos, o de transversalidade: como capacidade de aceitar a diferença do outro apesar da orientação dos discursos sobre o dissenso, preservando-se, portanto, a capacidade comunicativa, assim como aquele de transfugacidade, tentam descrever, assim, o fenômeno da literatura digital em sua velocidade e transitoriedade, acentuando, no caso, o estilo performático vinculado à expansão e à transformação, criando um tecido multilinear, desierarquizado e acidental (OLINTO, 2005).

## Conclusão

Esta complexa panorâmica em torno de questões de fenômenos de '**literatura cibernética**' foi de certa maneira, apontada pelos autores como realização de premissas teóricas, que intensificavam a leitura interativa. Pressupostos estes que verificamos na obra teórica sobre o leitor em W. Iser. A mudança ocorre no momento em que o texto saiu do isolamento da análise de tipo estruturalista (Cf. COSTA LIMA, 2001). Neste sentido, as teorias da recepção e do efeito, encontram na mecânica das tecnologias digitais uma concretização das expectativas meta-teóricas de W. Iser.

A hipertextualidade indica o fato contemporâneo de novos papéis que o leitor tem a desempenhar neste contexto hiperficcional, um fenômeno que se delinea como uma forma de alargamento de papéis e funções cognitivas e intelectuais, além de artísticas e literárias, uma forma de 'avant-garde' sócio-política do leitor<sup>12</sup>.

*A relação com o hipertexto determina como o leitor dever ser, pois inserida num fenômeno mais alargado e que tem a*

---

12 Sobre as relações entre a produção ficcional e formas sociais: COSTA LIMA, L. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Guanabara, 1986, espec. *Um Conceito Proscrito: Mimese e Pensamento de Vanguarda*, p. 311-372.

*ver com o modo como os novos média vêm requisitar o utilizador e qual papel que a este lhe cabe desempenhar. Assim comparativamente com o que se tem verificado no que diz respeito à textualidade contemporânea, os dispositivos multimídia são produtores e reprodutores na máquina narrativa (BABO. 2004, p. 109).*

O palco (eletrônico) da leitura põe em ação leitor e texto numa perspectiva de produção de sentido, onde o corpo terá um papel cada vez mais decisivo (ZUMTHOR, 2007): As experiências que têm vindo a ser feitas no campo da digitalização das artes da literatura têm como consequência imediata a ‘nomadização’ do leitor-espectador, e sua imersão perceptiva no interior do texto-imagem-som.

Há como que um movimento geral das mais variadas formas de arte e de comunicação envolvendo o corpo, no sentido de se dirigirem a uma ‘aestesis’ mais perceptiva-afecional do que propriamente conceptual. São novos papéis que ocorrem no processo de leitura, a partir das possibilidades abertas pelas literaturas digitais, em ambientes de hipertextualidade. Nestas novas hiper-ficções emerge um sujeito que se expande na rede, nos intervalos de diálogo e de negociação com o texto.

Aquilo que se passa com o dispositivo hipertextual é que, começando por ser um objeto extensor do corpo, ele acabou por incorporar o próprio leitor:

Uma nova política do saber que poderia inverter a imagem dogmática do pensamento que toma as coisas pelo “meio”. Com uma política do ser, mais do que uma metafísica, uma política das ciências, mais do que uma epistemologia, uma política da sensação, mais do que uma estética, uma política do inconsciente, mais do que uma psicologia, uma micropolítica do desejo, em vez de uma psicanálise, uma política da língua e uma pragmática, mais do que uma lingüística dos signos, uma ética dos devires, mais do que uma ecologia especulativa das práticas (Isabel Stengers, 1997), toda uma política da filosofia para “resistir ao presente” e “inventar novas possibilidades de vida” (ALLIEZ. 2000, p. 15).

## **Referências Bibliográficas:**

AGAMBEN, Giorgio. A Imanência Absoluta. In: ALLIEZ, Éric (org.). **DELEUZE, Gilles: Uma Vida Filosófica**. São Paulo: Ed34, 2000, p. 169-194.

ALLIEZ, E. **DELEUZE, Gilles: Uma Vida Filosófica**. São Paulo: Ed34, 2000.

BABO, M. A. O Hipertexto como Nova Forma de Escrita. In: SÜSSEKIND, F. e DIAS, T. (org.). **A Historiografia Literária e as Técnicas de Escrita. Do Manuscrito ao Hipertexto**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p.104-114.

BARBOSA, P. **A Ciberliteratura. Criação Literária e Computador**. Lisboa: Cosmos, 1996.

BENJAMIN, W. The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction. In: RICHTER, David H. **The Classical Traditon. Classic Texts and Contemporary Trends**. 2ª Edição. Boston: Bedford Books, 1998, p. 1005-1122.

BOIE, Bernhild. A Escrita e a Obra, in DE SOUZA, Eneida Maria. **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 203-212.

CAVALLO, G. Tra 'volumen' e 'codex'. La Lettura nel Mondo Romano. In: **Storia della Lettura Occidentale**. 3ª edição. Roma-Bari: Laterza, 2003, p. 37-70.

CLÉMENT, J. Do Livro ao Texto. As Implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKIND, F. e DIAS, T. (org.). **A Historiografia Literária e as Técnicas de Escrita. Do Manuscrito ao Hipertexto**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 28-35.

COSTA LIMA, L. (org.), **A Literatura e o Leitor. Textos de Estética da Recepção**. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DEL CORSO, L. *Materiali per una preistoria del Libro e delle Pratiche di Lettura nel Mondo Greco*. In **Segno e Testo**, Cassino, 2003/1, p. 5-78.

DUARTE, Rodrigo *O Esquematismo kantiano e a crítica à indústria cultural*. In: **Studia Kantiana** 4/1 (2002), p. 85-106.

FISHKIN, James S. Possibilidades Democráticas Virtuais. Perspectivas da Democracia via internet. In: EISENBERG J & CEPIK M. (org.). **Internet e Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 17-45, espec. 32.

FORNBERG, T. HELLHOM, D. (ed). **Texts and Contexts. Biblical Texts in their Textual and Situational Context**. Olso-Copenhagen: Scandinavian University Press, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOLDSMITH, kenneth. Da Linha (de comando) à constelação (icônica). In: SÜSSEKIND, F. e DIAS, T. (org.). **A Historiografia Literária e as Técnicas de Escrita. Do Manuscrito ao Hipertexto**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 36-46.

GRODEN, Michael. James Joyce's Ulysses on the Page and on the Screen. In: STOICHEFF, Peter and TAYLOR, Andrew. **The Future of the Page**. Toronto, 2004, p. 159-175.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Materialidades de Comunicação. Viagem de uma intuição. In: SÜSSEKIND, F. e DIAS, T. (org.). **A Historiografia Literária e as Técnicas de Escrita. Do Manuscrito ao Hipertexto**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 17-28.

HEIBACH, Ch. **Literatur und Internet**. Heidelberg, 2000.

LE GOFF, J. Memória. \_\_\_\_\_. In: **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003, p. 419-476.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário. O Desafio das Poéticas Tecnológicas**. 3ª Edição. São Paulo: USP, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Quarto Iconoclasmo e outros Ensaio Hereges**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2001.

MIRANDA, Wander Mello. Arquivos e Memória Cultural. In: DE SOUZA, Eneida Maria. **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, SP, 2003, p. 35-43.

OLINTO, Heidrun Krieger, Fogos de Artifícios Verbais. In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, K. E. (ed.), **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2005, p. 41-52.

ORLANDI, Luiz B. L. Linhas da Diferença. In: Éric (org.). **Gilles: Uma Vida Filosófica**. São Paulo: Ed34, 2000, p. 49-64.

RICHTER, D. H. **The Classical Tradition. Classic Texts and Contemporary Trends**. 2ª Edição. Boston: Bedford Books, 1998.

RISÉRIO, Antonio. **Ensaio sobre o Texto poético em contexto Digital**. Salvador: Casa das Palavras, 1998.

SANTIAGO, Silviano. Com quantos paus se Faz uma canoa. In: DE SOUZA, Eneida Maria. **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 15-24.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento Prudente para uma vida Decente. "Um Discurso sobre as Ciências" revisitado**. Lisboa: Cortez, Lisboa, 2004.

SLIGHTS, Willian W.E. Back to the Future – Littorally: Annotating the Historical Page. In: STOICHEFF, Peter and TAYLOR, Andrew. **The Future of the Page**. Toronto, 2004, p. 71-89.

STOICHEFF, P. e TAYLOR A. (ed.). **The Future of The Page**. Toronto, 2004.

TOURAINÉ, Alain. **Un Nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d'Aujourd'Hui**. Paris: Fayard, 2005.

YUNES, Eliana. *Leitura. A Complexidade o Simples: Do Mundo da Letra e de Volta ao Mundo*. In: **Palavra**, Rio de Janeiro, Puc-Rio, 2001.

ZUMTHOR, P. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Cosac & Naïf, 2007.

### **SOBRE O AUTOR:**

Pedro Paulo Alves dos Santos concluiu o mestrado em Exegese Bíblica – Istituto Biblico di Roma (PIB) em 1993, o doutorado em Teologia Bíblica - Pontificia Università Gregoriana Di Roma em 1997 e em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 2006. Há três anos coordena na UFF junto ao Departamento de Turismo um Convênio de Pesquisa sobre as Relações entre Turismo e Religião no Estado do Rio de Janeiro, que já produziu dois Seminários de estudos na UFF. É pesquisador da CNPq no Diretório de Pesquisa 'ARCHAI' (UNB), na Faculdade de Letras da UNESA (RJ). Foi Professor na PUC-RIO (1977-2003), Avaliador do MEC/SINAES (2007), é membro da Faculdade de Letras da UNESA. Foi Editor-Responsável pela COMMUNIO. Revista Internacional de Teologia e Cultura (2002-2006). Publicou 25 artigos em periódicos especializados e 8 trabalhos em anais de eventos. Possui 4 capítulos de livros. Possui 1 processo ou técnica registrado e outros 25 itens de produção técnica. Participou de 59 eventos no Brasil. Orientou 4 dissertações de mestrado além de ter orientado 1 trabalho de iniciação científica e 45 trabalhos de conclusão de curso nas áreas de Teologia e Letras. Atua na área de Teologia e Letras, com ênfase em Exegese Neotestamentária. Em suas atividades profissionais interagiu com 72 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Cristianismo Primitivo, Teologia, Exegese Bíblica, Teologia Bíblica, Cristologia Joanina, exegese do Novo Testamento, Literatura Clássica judaico-cristã, Exegese neotestamentária, Hermenêutica Bíblica e metodologia teológica.